

## CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO CENÁRIO PARA NOSSA PRÁTICA COMO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

**Nelson Vicente Junior**

(Mestre em Educação, professor de Filosofia e supervisor do estágio em Filosofia da UNIMEP- Universidade Metodista de Piracicaba, professor substituto da disciplina – Filosofia da Educação – Curso Pedagogia – UNESP – Campus de Rio Claro).

**Eixo temático - Tópico 3 : Projetos e Práticas de Formação de Professores.**

### **Resumo**

O presente artigo é resultado do estudo e das reflexões a respeito das indagações surgidas a partir de nossa trajetória como professor de Filosofia no Ensino Médio. Deve-se ensinar a Filosofia através da exegese dos sistemas filosóficos, da História da Filosofia ou através dos discursos de opiniões (*doxai*) relativos às situações do cotidiano? Quais estudos, conteúdos, experiências e discussões filosóficas podem possibilitar significados na vida dos alunos? Neste sentido, são apresentadas as investigações da Antropologia Filosófica como proposta para o repensar das situações do ser humano contemporâneo. Neste estudo, alguns conceitos como cotidiano e discursos de opiniões foram sendo desconstruídos, pois eram tidos por nós como impedimentos para o pensar verdadeiramente crítico e filosófico. Levando em consideração o sistema de ensino como reprodutor de uma cultura escolarizada, fornecendo apenas o acúmulo de pseudoconhecimentos, com um ensino teórico fragmentado e, na maioria das vezes, distante da realidade do aluno, incentivando o modelo social competitivo agressivo, é proposto neste trabalho um novo cenário de investigação e reflexão para as aulas de Filosofia. Propomos que os alunos apresentem indagações e que elas sejam pensadas e mesmo construídas a partir das contribuições do pensamento filosófico. E que este cenário possa transpor a sala de aula, o pátio escolar, os muros da escola, abrangendo, assim, a comunidade. Que seja possível atualizar as discussões pela *philia* em novas *Ágoras*.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Cotidiano Vital; Proposta pedagógica.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE UM NOVO CENÁRIO PARA NOSSA PRÁTICA COMO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

**Nelson Vicente Junior**

(Mestre em Educação, professor de Filosofia e supervisor do estágio em Filosofia da UNIMEP- Universidade Metodista de Piracicaba, professor substituto da disciplina – Filosofia da Educação – Curso Pedagogia – UNESP – Campus de Rio Claro).

Apresentamos, neste artigo, a proposta de um novo cenário para as aulas de Filosofia no Ensino Médio, a partir do exercício de nossa profissão como professor de Filosofia nestes últimos vinte anos, e das contribuições resultantes dos estudos e pesquisas realizados no Mestrado em Educação.

Uma das questões que tem impulsionado as nossas investigações como professor de Filosofia é a tentativa de estimular a reflexão filosófica a partir da “experiência não filosófica”, das experiências do cotidiano dos alunos para daí alcançar a conceituação e experiência filosófica.

Observamos que, no momento em que as questões levantadas sobre a experiência vivida de nossos alunos exigirem uma reflexão mais profunda para o seu equacionamento, a Filosofia ganha sentido, assume o caráter de necessidade, podendo, neste caso, despertar o interesse, a construção do diálogo, e, por que não dizer, até o prazer nos alunos. Langón atenta para este cenário escolar:

Cada aula de filosofia procura provocar uma sacudidela nos jovens, fazê-los “quebrar a cabeça”, derrubar suas certezas e provocar suas dúvidas, violar suas virgindades, fazê-los perder irrecuperavelmente inocências e canduras. Toda aula de filosofia exerce violência para provocar no outro *um movimento*. Um movimento rumo ao imprevisível. Supõe esse querer (no sentido de vontade e no de amor) filosófico que por *querer a sabedoria*, a põe em questão, a põe constantemente em xeque, a rejeita, a obriga mudar. Cada aula de filosofia é uma forma de convivência entre mestre e discípulos. Como é vida, é movimento, é uma comoção, um movimento mútuo. A comoção é a vida da aula de filosofia; sem comoção não há vida na aula. (LANGÓN, 2003: 95)

A motivação cotidiana de nossas aulas é um dos nossos desafios como professor de Filosofia. O cotidiano e a rotina são situações que não podem fugir

ao nosso olhar. São situações palpáveis, inquietantes e que poderão possibilitar uma série de discussões de crescimento intelectual, humano e social. Agora, surge uma outra questão: como lidar com o cotidiano e a rotina no âmbito do trabalho de educadores e em nossa própria existência?

Frente a esta indagação, percebemos que o cotidiano e a rotina exigirão uma transformação, uma criatividade de significados e significações. Estabelecer as discussões e o diálogo na prática do ensino de Filosofia requer: criatividade; elaboração da Filosofia a partir da criação de novos conceitos (denominação deleuziana); humildade em reconhecer que não somos “donos da verdade”; abertura para ouvir o outro; seriedade nos posicionamentos discursivos das temáticas filosóficas que nos propomos a ensinar; e conhecimento elaborado, sistematizado e radical (não de teor autoritário e radicalismo). É preciso ir à profundidade das questões, às raízes das discussões e observar que os projetos educacionais que temos realizado podem se confrontar com a realidade sócio-cultural e política da escola, com o ensino que pode apresentar situações às vezes desestimuladoras e que merecem nossa reflexão e enfrentamento para mudanças positivas.

Trazemos para as discussões filosóficas, para o contexto e temática das aulas de Filosofia, a problemática do humano e seu cotidiano vital como tecidos de análise e de construção nas relações intersubjetivas. Essa proposta caberá primordialmente à Antropologia Filosófica.

### **Contribuições da Antropologia Filosófica para o ensino da Filosofia na escola.**

O fenomenólogo Max Scheler entende que a Antropologia Filosófica deve ser requerida com certa urgência no que tange à problemática do humano. Portanto, um dos problemas filosóficos primordiais está em buscar a compreensão do ser humano em sua plenitude. Como escreve o autor:

Se há um problema filosófico cuja solução é requerida com urgência pela nossa época, este problema é o da antropologia filosófica. Entendo por isso uma ciência fundamental acerca da *essência* e da *estrutura da ética* do homem; da sua relação com os reinos da natureza (minerais, plantas e animais) e com o princípio de todas as coisas; da sua origem essencial metafísica e ao seu início físico, psíquico e espiritual no mundo; das forças e potências que agem sobre ele e aquelas sobre as quais ele age; das direções e das leis fundamentais do seu desenvolvimento biológico, psíquico, espiritual e social, consideradas nas suas possibilidades e realidades essenciais. Os problemas da relação entre alma e corpo (entre psíquico e físico) e a relação entre o espírito e vida estão compreendidos em tal antropologia, somente a qual

poderia dar um válido fundamento de natureza filosófica, e juntamente, finalidades determinadas e seguras à pesquisa de todas as ciências que têm por objeto o homem: ciências naturais e médicas, pré-história, etnologia, ciências históricas e sociais, psicologia normal e evolutiva, caracteriologia. (SCHELER, 1954 apud MONDIN, 2003: 7,8).

O ser humano - quem é ele? Essa é uma das mais importantes questões que deve ser estudada para a compreensão e construção do humano. Uma obra fundamental para o estudo e investigação da condição humana é a de Ernest Cassirer, filósofo da cultura como ele próprio se autoneomeia. Um dos principais representantes da Escola de Marburgo (grupo de filósofos neokantianos da Alemanha. Sécs. XIX - XX), Cassirer, em sua obra: *An essay on man*, na introdução do capítulo I, "A crise no conhecimento do homem sobre si mesmo", reflete a mesma estranheza e necessidade imprescindível e primordial de se indagar filosoficamente sobre a condição humana e o conhecimento de si próprio.

Parece ser universalmente admitido que a meta mais elevada da indagação filosófica é o conhecimento de si próprio. Em todos os conflitos travados entre as diferentes escolas filosóficas, este objetivo permaneceu invariável e inabalado: revelou-se o ponto de Arquimedes, o centro fixo e imutável, de todo pensamento. Nem mesmo os mais céticos pensadores negaram a possibilidade e a necessidade do conhecimento próprio. (CASSIRER, 1977:15).

A proposta da Antropologia Filosófica e cultural de Cassirer é carregada de paixão, de emoção pelo humano e pelo trabalho investigativo em processo de conflitos, de idas e vindas, de verdades inconclusas, de dialética, de contradição da própria condição humana. Reflexões estas imbuídas da compreensão do ser humano pela cultura e pela linguagem simbólica. Cassirer percorre um caminho contrário ao dos neokantianos da Escola de Marburgo, que primavam em grande parte pela investigação e produção do conhecimento de características logicistas, isto é, praticamente todas as realidades eram reduzidas a argumentos, experiências e relações lógicas, à racionalidade como princípio verdadeiro. O percurso da investigação do humano para Cassirer não está repousado em margens plácidas, na calma da pesquisa científica. Como diz o próprio filósofo: "A história da filosofia antropológica está cheia das mais profundas paixões e emoções humanas" (CASSIRER, 1977: 27), e o ser humano pode ser descrito e estudado na convivência intersubjetiva, no olhar face a face.

Para Cassirer, o ser humano é um animal simbólico, isto é, ele vivencia o mundo pela linguagem, cria signos, está inscrito neles, dá significado, significa neles e por eles. A criação da linguagem simbólica se manifesta no universo da

língua, do mito, da religião, da ciência, nas experiências do humano. Como podemos observar no comentário apresentado no Dicionário de Filosofia \_ Editorial Sudamericana de Buenos Aires, do autor José Ferrater Mora,

Con mayor motivo puede advertirse esto em los estudios realizados por Cassirer sobre conceptuación em las ciencias del espíritu, y especialmente su investigación de las formas simbólicas, complementada por diversos estudios históricos. Por un lado, al incluir em sus análisis (y en el concepto de consciencia) el mundo del arte, del mito, de la religión, del lenguaje, etc., Cassirer transforma la “crítica de la razón” ( que, en principio, se suele atener solo a la ciencia) em “crítica de la cultura” (que comprende todas las manifestaciones y actividades del espíritu humano, incluyendo la científica). Por otro lado, Cassirer ha llegado a concebir inclusive al hombre como um “animal simbólico” y a incluir todos los modos de conocimiento como aspectos de las diferentes maneras de simbolizar. El signo y la significación cobran desde este momento una importancia considerable, sobre todo si se tiene presente que dentro de su órbita está incluso asimismo el problema del lenguaje. Al entender de Cassirer, ello permite, em efecto, no solo erigir uma antropología filosófica, sino también resolver el espinoso problema del fundamento de los objetos culturales. (MORA, 1971: 262, 263).

No entender de Cassirer, cabe ao filósofo estudar e vivenciar o ser humano em sua concretude, em sua cultura, em sua própria condição existencial, e não tentar construí-lo e definí-lo artificialmente. O ser humano não é o centro de todas as realidades, é, isto sim, uma das realidades, não possuindo, assim, um poder absoluto e invencível. Ele é um ser de contradição e, na contradição, existe e experiencia a si mesmo e ao mundo que habita numa luta de opostos.

Neste sentido, é importante trazer a problemática do ser humano para a especificidade de um grupo social, que, no nosso caso, é o aluno presente tanto nas aulas de Filosofia, quanto nos espaços da escola e da sociedade. É com este ser humano que nos propomos a dialogar neste trabalho. Deste modo, apresentamos as seguintes indagações: Quem é o nosso aluno nas aulas de Filosofia? O que representamos e qual lugar ocupamos enquanto professores de Filosofia para os nossos alunos? Qual é o tipo de relação que nós, professores de Filosofia e alunos, temos vivenciado em nossas aulas?

O filósofo-educador Regis de Moraes, em seu artigo “Filosofia no 2º grau: Uma inovação que tomei dos antigos”, publicado na revista *Reflexão*, do Instituto de Filosofia da PUC de Campinas, nº43, de 1989, elabora uma reflexão por nós acolhida, por se inscrever no compromisso de ensinar Filosofia a partir do cotidiano vital dos alunos para se chegar às discussões dos sistemas filosóficos, assim como o fizeram os primeiros filósofos da Grécia clássica.

Nas discussões na *Ágora*, no cotidiano dos cidadãos gregos, é que

foram sendo codificados os temas filosóficos até se chegar aos grandes sistemas filosóficos que hoje estudamos e, às vezes, transmitimos. “Tudo teria começado, portanto, com a mais franca discussão do cotidiano vital. Ocorre que a tendência tradicional docente tem sido a de inverter o processo natural, começando tudo pelo fim e, muitas vezes, nem chegando às discussões mais cadentes da vida em dimensões reflexiva”. (MORAIS, 1989: 11).

O autor esclarece que as práticas pedagógicas no ensino da Filosofia não podem ser dicotomizadas, ou seja, é preciso que não haja o que se constata na prática de alguns professores que, ou direcionam a metodologia de sala de aula para o discurso e doutrinação da Filosofia, mediados pela tradição dos sistemas filosóficos, ou a direcionam para a prática de discussões superficiais das opiniões (*doxa*). Morais admite ser possível vivenciar as duas tendências no e pelo diálogo.

Partindo do cotidiano vital do aluno, das suas inquietações e vivências, bem como das do professor, é significativo o fato do aluno perceber que suas inquietações podem ser mediadas pelos grandes pensadores e pela cultura filosófica tradicional. O próprio autor em foco observa que, na maioria das práticas na docência do ensino da Filosofia, ocorre o contrário. Muitos professores ensinam Filosofia pela tradição filosófica e, na maioria das vezes, não chegam a discutir os grandes temas e sistemas filosóficos tomando por base o cotidiano vital do aluno. Faz-se necessário lembrar que cabe ao professor de Filosofia incentivar, desafiar o aluno a pensar com criticidade. Assim nos esclarece Morais,

[...] não devemos cair no engano da seguinte disjuntiva: “ou ministramos cultura filosófica ou estimulamos o aluno a pensar sobre as questões que lhe são mais vitais”. Creio ser possível que façamos ambas as coisas, sendo apenas necessário que estabeleçamos algum tipo de prioridade entre elas. De minha parte, admito que o adolescente, antes de tudo, deve ser desafiado a pensar. [...] Eis porque me parece que a tarefa da Filosofia no 2º grau (hoje Ensino Médio – esclarecimento nossa) será, prioritariamente, a de estimular o aluno a escrever e falar sobre as questões centrais da sua forma de se perceber e de perceber o seu mundo de forma um pouco mais aprofundada. (1989:10).

O autor fala da necessidade de que o ensino da Filosofia seja antropológico, de recuperação do humano. No que tange à educação, isto não caberá exclusivamente à disciplina Filosofia, mas ao todo escolar. Como o autor nos apresenta em seu livro *Educação Contemporânea*, Capítulo III, “Discurso Humano e Discurso Filosófico na Educação” [...] “em nosso século a filosofia é cada vez mais uma antropologia e, portanto, urge uma recuperação lúcida do

humano retirando-o de uma montanha de reflexões estéreis que se pavoneiam de excelentes não por qualquer riqueza que tenham, mas pela mera complexidade com que se enfeitam”. (MORAIS, 2003: 40). Esta preocupação de que a Educação e o ensino da Filosofia sejam processos de reflexão, de retomada da investigação do humano, também é elucidada em seu artigo - “Filosofia no 2º grau: Uma inovação que tomei dos antigos” - da Revista Reflexão, da PUC-Campinas.

Mas, ao fazermos a Filosofia no 2º grau mais antropológica e problematizante, de forma a que questione aquilo que cotidianamente inquieta, devemos demonstrar aos alunos que outros homens, em outras épocas e em tempos diversos, também tiveram preocupações e se questionaram. Aí residiria a oportunidade de introduzirmos, de forma bem motivada, conteúdos da chamada cultura filosófica. O importante é que a cultura filosófica não se transforme em uma razão para calar professores e alunos a respeito das suas inquietações atualmente mais vivas e cotidianas. (1989: 10).

Morais nos remete à preocupação com o humano, com o cotidiano vital, bem como às primeiras indagações a respeito do habitat em que o ser humano está inserido, indagações estas que foram sugeridas pelos primeiros filósofos gregos, os quais não se fartaram de longas discussões entre si, para bem depois sistematizá-las e transmiti-las.

Observamos na exposição do autor o esclarecimento de como podemos construir as aulas de Filosofia. Os alunos trazem experiências e inquietações de seu cotidiano vital e caberá ao professor motivá-los a exporem e a discutirem as realidades que vivenciam, para que, no segundo e terceiro momento, demonstre a eles que muito daquilo que estão a questionar já foi indagado por outros pensadores e que, a partir de tais indagações foram se construindo aspectos da teoria filosófica; estas questões foram sendo registradas pelos filósofos e por estudiosos da filosofia no processo histórico, tornaram-se grandes sistemas do conhecimento humano e chegaram até nós como contribuição para a compreensão da condição e realidade humanas.

De posse das discussões e do diálogo entre professor e aluno, mediados pelos sistemas do conhecimento humano, pelas inquietações e experiências do cotidiano vital, é possível: desenvolver o exercício da maturidade intelectual, criar caminhos para o conhecimento de si e do outro e construir relações, situações menos injustas e desumanas. Este é o quarto momento, a co-criação de novos sistemas de pensamentos, de novos conceitos para novas realidades em construção. Como nos incitam os filósofos Deleuze e Guattari para a construção da tessitura de nossas vidas e dos novos conceitos.

Criar conceitos sempre novos é objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. [...] Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: “os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso”, mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou (Platão sabia isso bem, apesar de ter ensinado o contrário..(sic). Platão dizia que é necessário contemplar as Idéias, mas tinha sido necessário, antes, que ele criasse o conceito de Idéia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? (DELEUZE, GUATTARI, 1997:13,14).

Fica então a proposta de ensinarmos a Filosofia a partir do cotidiano vital, do exercício do pensar mediados pelos conceitos e sistemas filosóficos já formulados, e motivarmos os alunos a desenvolverem a arte do diálogo, a arte do autoconhecimento, deixando sempre espaço para novas discussões.

A construção da liberdade humana e dos valores para a realização de uma sociedade menos injusta e menos violenta está no diálogo. Não existe a primeira e a última palavra, bem como não existe uma existência final, concluída.

Neste sentido, a filósofa alemã Hannah Arendt, em sua obra fundamental *A condição humana*, escreve que todas as realidades que o humano, em sua pluralidade, realiza, pensa, sabe, experiencia, só tem significado na medida em que as relações saem do individual para o social. No ir para o outro é que se realiza a ação política e os seres humanos, na intersubjetividade, constroem a condição humana humanizada.

E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá talvez verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos. [...] A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha existir. (ARENDR, 2005: 12, 16).



A partir das considerações por nós desenvolvidas e das contribuições dos pensadores estudados, podemos concluir da necessidade do encontro intersubjetivo e do diálogo, como pilares de sustentação e de construção do humano em nossas aulas de Filosofia, na Educação em todos os seus setores, e nos campos sociais vivenciados. Fica clara a importância da Antropologia Filosófica como um dos instrumentos do conhecimento para que esta tarefa seja profícua. Como nos esclarece o filósofo brasileiro Lima Vaz, em sua obra *Antropologia Filosófica*, volume II:

[...] a experiência presente nos fundamentos da Antropologia Filosófica é a experiência do homem-sujeito enquanto *sujeito*. A antropologia filosófica tem em mira, portanto, a organização conceptual e discursiva dessa experiência fundamental [...] Mas, exatamente por se tratar de uma experiência, ela não se refere à subjetividade abstrata do *Eu penso* que resulta da *epoché* ou da “posição entre parênteses” do mundo da natureza e do mundo da vida. Ao invés, o sujeito se experimenta aqui como sujeito *situado* e é justamente a experiência da situação na sua finitude constitutiva que leva o homem a interrogar-se sobre si mesmo: a fazer-se *objeto* da pergunta sobre si mesmo e, nessa auto-objetivação, manifestar-se como *sujeito* interrogante [...] São, pois as dimensões da auto-experiência do homem como sujeito *situado* (e, por isso mesmo, interrogante) que configuram por sua vez as dimensões do espaço conceptual no qual se desenvolve o discurso da Antropologia Filosófica. (VAZ, 1992: 9).

O discurso da Antropologia Filosófica está também em situar o humano educacional: o aluno e o professor; como seres de situação e nas situações, em constante interação. Percebe-se, assim, que nenhum dos sujeitos situados pode ter atitudes e posições centralizadoras de “donos da verdade”. Caso um dos sujeitos acredite ser o centro da realidade, isto será pura ficção. Todos os indivíduos são diferentes e nas suas diferenças precisam ser respeitados. Ninguém é igual a ninguém, mas todos têm, por definição, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como nas legislações constitucionais na maioria dos países, direitos iguais, garantidos por lei. Só assim poderemos dizer que o diálogo, a educação, o ensino para o pensar filosófico foi construído e estabelecido.

Passamos então à exposição de nossa proposta para um novo cenário nas aulas de Filosofia.

**Da pergunta pessoal do aluno à construção de sua reflexão e de seu texto filosófico.**

Nas primeiras semanas de aplicação desta proposta em nossas aulas, apresentamos aos alunos a importância da disciplina, os conteúdos que iríamos trabalhar durante o curso, estratégias metodológicas e formas de avaliação. Logo de início, algumas perguntas surgiram, perguntas estas que temos ouvido ano após ano no ensino privado: “Professor, Filosofia cai no vestibular?” “Para que estudar Filosofia?” “Filosofia não é cada um ter a sua opinião?” “Não vamos fazer a roda de discussão?” “Não vamos fazer o debate?” “Para que estudar esses filósofos do passado?” “Qual a utilidade disso para a nossa vida?”

Perguntas como estas talvez possam desmotivar alguns professores de Filosofia, mas percebemos também que muitos professores acolhem essas perguntas transformando-as em instrumentos significativos na construção da reflexão filosófica junto aos alunos.

Desde nossas primeiras aulas como professor de Filosofia, temos realizado a mediação entre a História da Filosofia, os grandes sistemas filosóficos, as questões sociais contemporâneas pertinentes e o cotidiano dos alunos. Os conteúdos interagem através das seguintes estratégias metodológicas: exposição e discussão de filmes, documentários, vídeos clips, música, leitura e discussão de artigos jornalísticos e poesia.

Observamos, nas discussões temáticas propostas em nossas aulas, que alguns alunos possuem um discurso razoável: argumentam com uma certa criticidade e com raciocínio lógico. Alguns deles chegam a discordar, com objetividade, de algumas das teorias filosóficas apresentadas, bem como de algumas de nossas posições discursivas frente aos temas.

Mas há problemas perceptíveis, pois, no momento em que se faz necessário e eles são convidados a escrever seus argumentos e opiniões, a transportar o pensamento oralizado para o pensamento escrito como registro de alguma atividade, avaliação do conhecimento apreendido na sala de aula e de suas experiências culturais e informativas, algumas lacunas se fazem presentes na forma, sobretudo, de incoerências nas argumentações. Muitas vezes, as exposições de idéias e argumentações presentes ao longo dos seus textos são por eles mesmos refutadas no transcorrer e na conclusão de seus escritos. Em outros momentos estabelecem um pseudoentendimento das argumentações dos autores, refutando-as através de opiniões pessoais, de caráter meramente subjetivo e fragmentado. Os problemas citados são também percebidos nos debates temáticos em aula.

Na nossa concepção pedagógica, adotada por grande parte dos professores de Filosofia, os alunos devem expor suas opiniões, mas devem estar estimulados a adquirir as habilidades cognitivas de raciocínio lógico e crítico, mediadas pelo estudo comprometido com os grandes sistemas filosóficos, científicos e culturais. Devem atentar para o que os grandes filósofos, inclusive os contemporâneos, pensavam, realizar com empenho as leituras indicadas e exercitar a escrita. Os alunos, imbuídos desta disposição e comprometimento, estarão mais aptos a desenvolver argumentos críticos e fundamentados.

Nesta perspectiva, propomos aos alunos um projeto no qual eles apresentem suas perguntas pessoais, suas indagações enquanto adolescentes. Esse projeto objetiva que as indagações dos alunos possam estar fundamentadas nas leituras dos filósofos, pensadores, escritores, cientistas, e nas contribuições trazidas pelas conversas com familiares, amigos, professores e outros profissionais.

A experiência desta proposta proporcionou uma boa motivação e o interesse pelas aulas de Filosofia. Os alunos sentiram que estavam sendo acolhidos como indivíduos pensantes, que estavam deixando de representar rótulos estigmatizados pelo mundo adulto: de rebeldes sem causa, de indivíduos que não pensam e não refletem sobre o mundo, de seres que não estão preparados para argumentar e emitir opiniões. Nesta mediação pedagógica, as opiniões são discutidas, as indagações sobre o mundo são objetos de reflexão, podendo-se chegar, inclusive, como resultado disso, à elaboração de um texto filosófico.

As perguntas mais pertinentes dos alunos são as seguintes: “O que devo buscar para ser feliz?”, “Por que eu existo: qual o sentido da minha vida?”, “O que é o amor: qual é o verdadeiro amor?”, “O que pode ser considerado bonito ou feio?”, “Existe destino?”, “A liberdade existe: somos predestinados ou somos livres?” , “Tudo o que vemos é concreto?”, “Será Deus uma invenção humana?”, “Existe vida após a morte?”

Dentre estas perguntas, as questões mais sinalizadas por eles encontram-se nas temáticas da felicidade, do sentido da vida, do conflito entre destino e liberdade, do medo e da dúvida sobre a vida após a morte. É interessante percebermos que as questões dos alunos, neste projeto, traçam o caminho das grandes investigações do ser humano: o porquê do existir, como ser feliz nesta existência, e o que nos acontecerá após a morte.

Esse projeto é realizado em quatro momentos no decorrer do ano letivo: 1. projeto da pergunta pessoal, 2. redação do texto filosófico, 3. exposição e debate em sala de aula, e 4. apresentação dos resultados num fórum de discussão envolvendo a comunidade escolar.

Neste novo cenário das aulas de Filosofia, partimos da oralidade, das perguntas pessoais, do cotidiano dos alunos, para alcançarmos o encontro com os sistemas filosóficos, com as contribuições dos pensamentos, teorias de alguns filósofos e intelectuais. A partir destes encontros, torna-se possível realizar um fórum de discussões filosóficas e de integração com a comunidade escolar. É o que esperávamos na apresentação deste trabalho: que o ensino de Filosofia pudesse transpor os muros das salas de aula, chegar aos pátios escolares, abrangendo a comunidade, a *Ágora*.

O que podemos afirmar, sem sombras de dúvidas, é que para nós o projeto já significa um salto qualitativo nesses longos anos de experiência como professor de Filosofia. Só dos alunos poderem expor e investigar suas indagações pessoais, de estarem lendo algum filósofo que poderá contribuir para os seus argumentos e possíveis respostas às suas perguntas, de estarem escrevendo o que pensam, e também por buscarem algumas idéias nas conversas com amigos de sala, com os familiares e com algum outro profissional, já nos é significativo, pois estes alunos estão co-criando novos conceitos, estão filosofando.

## Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (*Título original: The Human Condition*, 1958).
- CASSIRER, Ernest. **Antropologia Filosófica: ensaio sobre o homem**. Trad. Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1977. (*Título original: Na Essay on Man*, 1944).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. ; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. (*Título original: Qu' est-ce que la philosophie?*, 1991).
- GALLO, S.; KOHAN, W, O. **Crítica de alguns lugares-comuns ao pensar a filosofia no ensino médio**. In: Filosofia no ensino médio. Vol. VI. GALLO. S. (Org.). Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção: Filosofia na escola).
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1985.
- MARÍAS, Julián. **Antropologia Metafísica: A estrutura empírica da vida humana**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

MORA, José Ferrater: **Diccionario de Filosofia. Tomo I.** 5.ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1971.

MORAIS, Regis de. **Filosofia no 2º Grau: uma inovação que tomei aos antigos.** IN. Filosofia no 2º Grau. Revista Reflexão. Nº 43. Quadrimestral do Instituto de Filosofia. PUCAMP. Ano XV. p, 7 a 17. Campinas: PUCAMP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Estudos de filosofia da cultura.** São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação contemporânea: olhares e cenários.** Campinas: Alínea, 2003.

NIETZSCHE. **III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador.** Trad. e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II.** 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.